



UNIVERSIDADE DE UBERABA
CURSO DE PSICOLOGIA

STHÉFANY LARA COSTA FONSECA

A QUEIMA DOS CORPOS

Um paralelo entre a percepção da mulher no passado e presente sob o viés da bruxaria

UBERABA-MG
2022
STHÉFANY LARA COSTA FONSECA

A QUEIMA DOS CORPOS

Um paralelo entre a percepção da mulher no passado e presente sob o viés da bruxaria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Uberaba como parte das exigências à conclusão do Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Me. Jéssika Rodrigues Alves.

UBERABA-MG
2022

À todas as mulheres-bruxas, em especial
àquelas que fazem parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Sentada aqui, tomando meu café, me pego refletindo sobre as pessoas que me ajudaram a construir e concretizar este momento, que está tão próximo do fim e tão perto de um novo começo, assim, quero começar agradecendo a pessoa que me apoia incondicionalmente, está sempre próximo, sempre me amando, o meu companheiro de vida Matheus Kaneko, muito obrigada por todas as conversas e confidências. Eu te amo muito.

Agradeço às mulheres da minha vida, minha avó Zilá, minha mãe Daice e minha irmã Monique, que me apoiam sempre e possibilitaram um recomeço e renascimento. Muito obrigada pela confiança e por estarem presentes à maneira de vocês. Amo cada uma, respeito cada jeito e aprecio cada gesto.

Ao meu pai Moacir, que mesmo distante está sempre presente e, é o autor dos melhores telefonemas. Te amo, Fonseca.

Aos meus gatos, Pipoca e Pizza, que foram imprescindíveis para escrever este trabalho e seguir nestes quase 5 anos de faculdade. Meus companheiros da madrugada e de vida, sem eles é provável que eu não teria consigo. Amo vocês muito, muito mesmo.

Aos amigos antigos pelas conversas, saídas e jogos, obrigada por me ajudarem a relaxar e espairecer e mente. E aos novos amigos que fiz durante essa jornada, foi muito bom poder compartilhar tantos momentos com pessoas tão únicas. Só tenho a agradecer pelas conversas, fofocas e confianças. Em especial, agradeço à Débora, que foi uma brisa fresca e revigorante nesse semestre conturbado, muito obrigada por estar lá todas as vezes.

Outra nova amiga que foi essencial esse semestre e me ajudou imensamente nesta monografia foi a Rafaela Maciel, professora, mestre, amiga. Muito obrigada pelos ensinamentos, conhecimentos, conversas e risadas e, claro, obrigada por me deixar amassar o Zé e a Nina.

À minha orientadora, Jéssika Alves, que me acolheu e acudiu em diversos momentos, sempre certa e gentil nas palavras, sempre disposta ajudar e que, com certeza, fez toda a

diferença nesta caminhada levemente tortuosa. Muito obrigada por sempre estar presente, obrigada mesmo.

Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer a mim mesma, por ter tentado e conseguido. Alguns anos atrás, quando, com muito custo e dificuldade, resolvi escrever este novo capítulo da minha vida, tive várias dúvidas, aliás, dúvidas e medo era tudo o que tinha. Apenas pensava em como seria árduo e pesaroso recomeçar, fazer tudo de novo e, por mais que tenha sim tido as querelas e mazelas, eu consegui, com ajuda de muitos, a ultrapassar e finalizar mais essa etapa.

*“Que um
homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar”
(Francisco, el Hombre –
Triste, Louca ou Má)*

SUMÁRIO

RESUMO	8
1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA	11
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
3.1 Bruxa e Mulher: significados através dos tempos – <i>“Triste, louca ou má”</i>	12
3.2 O Arquétipo da Bruxa - <i>“Ela desatinou, desatou nós, vai viver só”</i>	18
3.3 A Mulher-Bruxa hoje - <i>“Eu não me vejo na palavra fêmea, alvo de caça, conformada vítima”</i>	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS	24

FONSECA, S. L. C. **A Queima dos Corpos – um paralelo entre a percepção da mulher no passado e presente sob o viés da bruxaria.** Uberaba/MG, 2022. Monografia. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade de Uberaba. Orientadora: Profa. Me. Jéssika Rodrigues Alves.

RESUMO

A figura da bruxa sempre foi envolta de mistérios, magias e, muitas vezes, sensualidades. Como se elas fossem seres místicos que passam seus dias em círculos sabáticos ou planejando qual seria a próxima criança do vilarejo a ser comida. Essas mulheres já foram conhecidas como as curandeiras que podiam auxiliar em alguma dor ou enfermidade, porém esse conhecimento passa a ser perdido quando a Idade das Trevas e, eventualmente a caça às bruxas durante a Idade Moderna, adentra os feudos. De figura misteriosa, a bruxa se torna a mulher herege arrastada para a tortura e queimada na fogueira, suas cinzas são jogadas ao vento, e o conto da bruxa se torna a história da agente de Satã, da meretriz que divide sua cama com o Diabo. A sociedade fecha suas portas para essas mulheres “impuras” e seus, supostos, pecados. São corpos marginalizados e marcados pela ignorância e pelo patriarcado que regia aquelas terras. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi compreender qual é a percepção atual do que é ser mulher, a partir da imagem arquetípica e simbólica da bruxa. Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura que investigou artigos, teses, monografias e livros dos últimos 10 anos. A imagem da bruxa, arquetípica, simbólica, potente e temida foi destacada em todos os artigos e demais materiais lidos. Conclui-se que todas as mulheres são bruxas e, todas enfrentam seus próprios inquisidores pessoais, daí, se vê a importância da psicologia em ajudá-las através do acolhimento profissional afim de fortalecer a magia que cada uma possui.

Palavras-Chave: Bruxa. Mulher. Arquétipo. Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

Bruxaria e magia nem sempre foram sinônimos de entidades diabólicas e maléficas. Durante a Antiguidade, como aponta Nogueira (2004), a magia era vista como um conjunto de relações entre o homem e a natureza, contudo, com o desenvolvimento do pensamento grego-clássico passou-se a entender o sobrenatural a partir de duas vertentes. A primeira acreditava que a magia era proteção, isto é, pedidos, orações e oferendas feitas aos deuses. Já a segunda vertente pregava a existência de atos demoníacos e com a intenção de causar o mal, principalmente quando havia ocorrências de enfermidades e pragas.

Com o passar dos séculos, ocorre a quebra da religião politeísta e em seu lugar ascende o cristianismo, que estabelece uma política de tolerância para os velhos costumes e tradições pagãs com o intuito de moldar a sociedade e aumentar seus seguidores fiéis. A partir de uma política evangelizadora, a Igreja Católica conseguiu estabelecer uma autoridade eclesiástica forte e temida e logo a presença sumária em peso da religião cristã passa a colocar o paganismo como algo a ser controlado e combatido. Tudo isso a partir de uma visão cética sobre as práticas mágicas, já que *a priori* os religiosos fervorosos só acreditavam na existência de céu e inferno, e querer colocar qualquer outro poder era um sacrilégio e uma invenção popular, superstições (NOGUEIRA, 2004).

As práticas ditas pagãs, mas que eram, na realidade, a cultura e tradição dos povos que foram evangelizados e alienados e que, até certo ponto, eram encaradas ceticamente pela igreja, vão se tornando cada vez mais demonizadas. Ao passo que os homens eclesiásticos passam a acreditar na necessidade de controlar com maior atenção as práticas pagãs, pois o inimigo se encontra ali, nas superstições e crenças dos antigos. Dessa forma, “as divindades pagãs assumiram uma realidade de potências reais, mas de natureza intrinsecamente negativa” (NOGUEIRA, 2004). Assim, o que era visto como ilusão se torna uma ameaça concretizada no imaginário coletivo acerca da magia, seus horrores e a “divindade” maléfica que era a responsável por tudo, o Diabo.

A mulher, considerada como um homem incompleto, passa a ser o centro das especulações sobre bruxaria e magia por motivos diversos, sendo o primeiro deles o medo. O medo à mulher sempre existiu. A religião cristã marcou isso no cerne de suas crendices e espalhou aos quatro ventos, com o intuito de diminuir e desvalorizar o dito sexo “frágil”. São Tomás de Aquino acreditava que só existia o sexo masculino e que as mulheres eram apenas um receptáculo, um corpo menos evoluído, um macho deficiente, o que explicava, para ele, como as mulheres

cediam às tentações e, como era urgente, que elas ficassem sobre tutela e vigia (NOGUEIRA, 2004).

Entretanto, mesmo com esse pensamento de degradação do feminino, foi surgindo mitos e contos sobre o poder maléfico que a mulher carregava em seu ventre, pois “sendo a primeira a introduzir o pecado no mundo, aproximar-se dela ameaça a perdição da alma”. A partir disso, iniciam-se variadas, e absurdas, acusações sobre o poder diabólico e a prática de sortilégios que a mulher possuía/possui. O que era uma credence misógina, fruto de uma sociedade patriarcal, torna-se parâmetro para julgar mulheres de terem cometido atos contra homens, atos de bruxaria, de estarem embruxadas ou, no mínimo, de serem cúmplices de outras mulheres (NOGUEIRA, 2004).

A figura da bruxa, como aponta Zordan (2005), pode ser dividida em duas categorias: a jovem sedutora, que utiliza de seus dotes para conquistar fortuna e independência, e a velha da vila, que possui conhecimentos de ervas, plantas e demais artes de cura. Ambas estão envoltas em um ar de mistério, magia e medo, sendo que a população da época as procurava sempre que precisavam de um unguento ou poções, mas estavam prontos para apontar o dedo e pedir que a carne delas ardesse.

Independente de qual figura mística seja enxertada na bruxa, ela permanece sendo parte das vivências e do imaginário europeu e, tempo depois, é exportada para as colônias, onde continua a ser uma meretriz aos olhos dos outros, ao mesmo tempo em que é procurada em momentos de febres e enfermidades. Com o poderio da Igreja Católica, as crenças pagãs são postas em xeque, sendo tidas como o mal a ser combatido. Dessa forma, a igreja cristaliza o imaginário coletivo que cerceia a magia e seus horrores, ordenando a caça de tudo que fugisse do controle e do comum, ou seja, tudo que pudesse ser trancafiado, torturado e queimado devia passar pelas garras da inquisição a qual iria prestar um “julgamento” e revelar a real atrocidade da cultura pagã (NOGUEIRA, 2004; ZORDAN, 2005).

Houve diversas Inquisições ao longo dos territórios europeu e americano, e por mais que se tenha se popularizado as 200 vítimas do julgamento em Salem, Massachusets (1693-1694), é importante sublinhar que os primeiros atos inquisitoriais se iniciaram na Europa onde a caça às bruxas foi, particularmente, brutal tendo feito até 100 mil vítimas, em sua maioria mulheres. O livro *Martelo das Bruxas (Malleus Maleficarium, a summa demonológica)*, que é um compêndio publicado em 1484, são descritos quais tipos de atos são considerados bruxarias. Logo, a mulher, por já ser considerada “fraca” e mais suscetível a ser “seduzida pelo pecado”, passa a ser observada de perto. Isso porque a sociedade patriarcal e misógina da época passa a

exigir, ainda mais, que as moças solteiras, mulheres casadas, viúvas e anciãs se comportem como é ditado por Deus e pelos homens, caso contrário podem se tornar suspeitas de bruxaria, “julgadas” e queimadas na fogueira (RUSSELL; ALEXANDER, 2019; LAUREANO, 2015) .

Zordan (2005) pontua que essas mulheres eram vistas como seres hediondos, capazes de se alimentar da carne de crianças e copularem com os demônios em troca de poderes, nos ditos *sabbat*. Sedenta por poder, a bruxa é maléfica e corruptora, de modo que, tanto na realidade como na ficção, todas as histórias de bruxas terminam com o castigo por sua insubmissão: força, fogueira, solidão. Ainda assim, por mais que essas mulheres sejam acusadas impiedosamente de atos que nunca cometeram, nenhuma delas foi capaz de se salvar da morte, porque nenhuma possuía poder mágico de fato. No entanto, toda a tortura física e psicológica pelo qual passaram as fizeram admitir culpa. Além disso, várias “testemunhas” poderiam jurar que as viram fazer algo maléfico, como dizimar a colheita ou fazer as vacas darem sangue em vez de leite.

O fato gritante e ensurdecido é que dezenas de milhares de mulheres morreram pelas mãos de uma sociedade patriarcal e misógina, que as caçou, torturou e matou sem terem provas dos supostos atos nefastos. E, a partir disso, é possível começar a construir e refletir sobre como a caça às bruxas, de séculos atrás, ainda se assemelha ao feminicídio de hoje. A sociedade brasileira atual, por exemplo, ainda propaga e estimula a caça às bruxas, premiando os caçadores com troféus egóicos, afirmando seu poderio sobre o dito “sexo frágil”, pois a bruxa, por ser histórica, modifica-se de acordo com as eras, permanecendo em sua imagem as marcas impostas pela sociedade (FEDERICI, 2019; ZORDAN, 2005).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é investigar, por intermédio da revisão narrativa da literatura, a percepção da sociedade ocidental atual sobre o que é ser mulher, partindo do pressuposto de que todas as mulheres são bruxas (arquétipos e símbolos), já que todas carregam, sofrem e sangram com suas mazelas e inquisidores pessoais, sejam eles físicos ou mentais. Objetiva-se também utilizar o olhar da psicologia sobre essas mulheres, independente de suas dores, é importante pensar que o acolhimento e a escuta profissional são o melhor curso para ajudar essas bruxas a retomarem seu poder e fortalecerem as suas mágicas.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa será realizada a partir de uma revisão narrativa da literatura, que é um texto que descreve e discute o desenvolvimento de um determinado assunto, sob o

ponto de vista teórico ou contextual. A revisão narrativa constitui basicamente da análise da literatura publicada em livros, artigos, revistas entre outros meios de disseminação de informações. Por fim, essa pesquisa é considerada de revisão narrativa, qualitativa e de grande importância para educação continuada, visto que é uma ótima maneira do leitor adquirir e atualizar conhecimento. (ROTHER, 2007).

Para alcançar o referencial teórico foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), e Periódicos CAPES. Foram incluídos nesse trabalho artigos, livros, teses e monografias que fossem pertinentes ao tema, assim como produções e estudos que contemplam a Psicologia Analítica e Junguiana, e materiais publicados em Língua Portuguesa e Inglesa, assim como materiais publicados de 2012 a 2022.

Os critérios de exclusão foram materiais anteriores ao ano de 2012, assim como materiais não pertinentes ao tema e que não condiziam com a temática da pesquisa. Foram excluídos também, textos que não fossem em Língua Portuguesa e Inglesa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Bruxa e Mulher: significados através dos tempos – “Triste, louca ou má”

A Europa Ocidental foi cenário de diversos conflitos ao longo dos séculos, mais especificamente, a Idade Média perdurou do século V ao XV e, em meados de seu fim o território europeu se viu a beira de diversas transformações, colapsos, perturbações e instabilidades. Foi um período marcado por crises socioeconômicas, culturais e políticas, tais como a fome, os cercamentos das terras, a Peste Negra (1347-1351) e demais conflitos rurais, urbanos e de ordem religiosa. Além disso, o território ainda foi palco da Inquisição Católica (séculos XII ao XVIII), que instituiu perseguições e severas punições para os hereges e demais desafiantes da norma vigente. E assim como as demais áreas deste período, a Igreja também passava por uma crise moral e endureceu seus mecanismos de coerção e investigação, sempre reafirmado em seus discursos o poderio crescente do Diabo e das práticas mágicas e, conseqüentemente, da bruxaria (PORTELA, 2017). Porém, a caça às bruxas propriamente dita se dá no começo da Idade Moderna, séculos XVI e XVII, porém o discurso inflamado, misógino e sexista é propagado desde o medievo, se incrustando no imaginário popular, que passa a ver a mulher como a concubina de Satã (FEDERECI, 2019; PORTELA, 2017).

Para Delumeau (2009), instalou-se um medo do fim dos tempos a partir da iminência da danação eterna que parecia se abater sobre todos, pois passou-se a acreditar que a única explicação para o período crítico e nebuloso era o fato de Deus estar punindo e testando a fé de seus servos. Aproveitando do temor constante e da crença no apocalipse, além das diversas crises desse período, as perseguições religiosas se tornaram mais crescentes e frequentes, tendo como alvo, em especial, as adeptas e adeptos das práticas mágicas e a *aquelas* que se debruçavam na bruxaria, prática vista como diabólica e “que passou a ser representada como seita de largo alcance, sobretudo entre mulheres, adeptas do pacto com o demônio que atormentava a cristandade de então” (PORTELA, 2017, p. 253).

O temor as entidades diabólicas e o medo de enfrentar o inferno no julgamento final era algo que pairava sobre as vidas da população, tanto da Idade Média quanto da Moderna. Logo, a Igreja se aproveita para pregar algumas regras em seus discursos e sermões, sendo que muito dos temas dizia respeito a mulher, agente do Diabo, e ao fato dela precisar ser modelada e dominada pelo homem, este podendo ser o pai, irmão, marido (PORTELA, 2017). Torna-se, assim, necessário conter a mulher, pois ela é o mal encarnado, detentora de todos os pecados e, Foucault (1994) chama atenção para esse tipo de poder, o Poder Pastoral, exercido pelo cristianismo, como um modo de controlar os indivíduos por meio da sexualidade (apud CASTRO, 2009).

Assim, cresce o número de confissões, já que foi concedido cada vez mais importância à carne, à sua presença nos pensamentos, nos desejos, na imaginação, enfim, em todos os movimentos do corpo e da alma. O pecado da carne passe a ser, dentro da mentalidade cristã, algo a ser examinado, vigiado, confessado e transformado em discurso para alertar a todos sobre o que espreita no escuro. Se os discursos falhassem, daí surgiria a punição a partir dos tribunais e oficiais da Inquisição (CASTRO, 2009). Ainda, os teólogos, exaustivamente, alertavam e aconselhavam os homens a desconfiar de suas mulheres, pois estas eram o real perigo da sociedade (MARTINS, 2013), porém ela ainda permanecia sendo àquela que detém a vida, se tornando essencial colocá-la em seu papel auxiliar, de parir e cuidar, pois “o bem da espécie quer que a mulher ajude seu marido na procriação, função auxiliar que constituiu, na ordem da criação, a finalidade de sua existência enquanto indivíduo sexuado” (KLAPISCHZUBER, 2006 apud PORTELA, 2017, p. 265).

Apesar do antifeminismo inflado que gere o corpo e a mente dos clérigos, há duas mulheres que são veneráveis para esses homens, sendo que uma delas é constantemente colocada em um pedestal de castidade e servidão: Maria, ideal de mulher concebida sem pecado, e Maria

Madalena, a pecadora arrependida. Mesmo diante da diabolização da mulher, a Igreja Católica precisa mostrar o perdão e o como a mulher pecadora poderia se redimir, logo, nada mais certo do que explicar aos fiéis o nascimento de Cristo. Dessa forma, para Mota-Ribeiro (2000 apud MARTINS, 2013, p. 6) “Maria e Madalena, sacralizadas, passam a ser modelos e referência de comportamento mais apropriado [...], em oposição a Eva pecadora surge Maria, mãe de Jesus que veio ao mundo com a especial incumbência de libertar a mulher da maldição do Pecado Original”.

Entretanto, mesmo tendo Maria como mártir a ser seguido por todas as mulheres, é interessante notar que o discurso monástico e misógino em relação a elas se espalhava entre alguns professores e teólogos, incitando-os a proferir sermões a monges e a fiéis, destilando suas opiniões sobre o sexo feminino. Dentre eles, destaca-se o *Malleus Maleficarium*, em português “O Martelo das Feiticeiras”, escrito em 1486 pelos dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger. O *Malleus* ficou em voga por quase 2 séculos e era o manual de cabeceira dos inquisidores, onde era exposta uma visão negativa do feminino, colocando a mulher como propensa ao mal e facilmente seduzida pelo diabo (PERROT, 2013; PORTELA, 2017). Após a publicação do manual inquisitorial, Perrot (2013) afirma que os escritos do *Malleus Maleficarium*, encomendados pela Inquisição, tinha a pretensão de, ao mesmo tempo, descrever as feiticeiras, bruxas e suas práticas e dizer o que se deveria pensar e fazer com elas, sendo que os escritos passaram a intensificar a justificativa da condenação dos corpos e almas femininos ao fogo purificador, e, dessa forma, a mulher se transforma em mulher-bruxa, pecadora, diabólica, esposa de Satã. Assim, a figura da feiticeira detentora dos saberes, fórmulas naturais e adepta das práticas de curandeirismo, passa a ser vista como tenebrosa e maléfica, adentrando no campo do imaginário popular como seres “eminentemente perigosos, pois atuam diretamente sobre o sexo oposto de forma a descontrolá-lo e tentá-lo aos pecados que por si só não cometeriam” (PORTELA, 2017, p. 274).

No nível do imaginário, a feiticeira participa do mundo do Mal na medida em que lida com os mais baixos desejos e vontades recônditas daqueles que as procuram “possibilitando aos seus ‘fregueses’ nela [a feiticeira] a projetarem as ambições reprimidas por uma ‘autocensura’ coletiva” (Nogueira, 1995, p. 84 apud PORTELA, 2017, p. 274).

De fato, a ‘autocensura’ era coletiva e constantemente imposta pela censura da Igreja Católica, principalmente sobre seus clérigos, escolásticos, juristas e inquisidores. Esses homens dedicavam anos de estudos e fidelidade a causa divina, em nome daquilo que era mais puro, casto e verdadeiro. Porém, Delumeau (2009) ao escrever sobre o processo de diabolização do

feminino, chama atenção para a libido reprimida dos homens da Igreja que se transforma em agressividade. Eles são “seres sexualmente frustrados que não podiam deixar de conhecer tentações projetaram em outrem o que não queriam identificar em si mesmos” (p. 477). Assim, é colocado diante desses homens bodes expiatórios que eles podiam desprezar, acusar e torturar em seus lugares.

Dessa forma, o erotismo e o sensual são introduzidos ao mundo medievo, sendo que o bode expiatório dessa manifestação satânica é a mulher, com todos os seus poderes, vícios e malefícios, sendo assim, a sexualidade feminina é o elo entre a sensualidade e a bruxaria, conseqüente produto do destino lamentável de dezenas de corpos femininos. A mulher é vista como a medusa da sedução, a bruxa vil, cepa do diabo, aquelas que carregam uma sexualidade insaciável. Sendo justamente o fator da sexualidade, o sexo, que foi o determinante para que as acusações e a caça, propriamente dita, deixasse de ser apenas pensamentos e incitações, e passasse para o campo do concreto. (NOGUEIRA, 2004).

Perrot (2013), em relação a sexualidade e erotismo feminino, discorre sobre como as bruxas praticam uma sexualidade desenfreada e subversiva, isto é, elas subvertem os dogmas da Igreja como a “subversão das idades: muitas feiticeiras velhas fazem sexo numa idade em que não se faz mais, após a menopausa”, há também a subversão dos gestos, nas quais elas, as bruxas, “fazem sexo por trás, ou cavalgam os homens, invertendo a posição que a Igreja considera a única possível: a mulher deitada, o homem sobre ela”. Assim, fica claro que a condenação das feiticeiras depende, essencialmente, do erotismo (PERROT, 2013, p. 89-90).

Não só a sensualidade, mas todo o mistério que envolvia a mulher despertava medo nos homens, e como eles não sabiam como frear esse poder que emanava do feminino passaram a puni-lo, castigá-lo. O processo de demonização da mulher representa todo um imaginário coletivo de uma sociedade a beira de um colapso, estrutural e social, que utilizou da falta de conhecimento em relação aos nuances do feminino para transformá-lo em bode expiatório, justificando todos os males que recaíram sobre o período medieval e, posteriormente moderno. Sendo que, foi somente no século XVI que a caça às bruxas acontece, transformando ainda mais o cenário e propondo que as vias de fato se tornem reais, isto é, que a queima dos corpos se torne um ato legítimo de violência e brutalidade. E no fim, as cinzas cruzam os ventos, levando as histórias das mulheres subversivas (DELUMEAU, 2009; NOGUEIRA, 2004; ZORDAN, 2005).

Da mesma forma que a figura do feminino foi relacionado aos males do mundo na Europa ocidental, o mesmo aconteceu no continente americano, mais precisamente na América

do Norte, onde existem diversos registros de julgamentos e condenações de pessoas por feitiçaria, em sua maioria mulheres. Entretanto, durante o Brasil Colônia a caça às bruxas ocorreu de forma distinta, devido ao pensamento português importado da época, que acreditava no poder da evangelização jesuíta e, se preocupava em combater a alteridade dos nativos e cristãos-novos. Além disso, na colônia acreditava-se que o mal podia ser praticado a partir de adivinhações, benzas, curas mágicas, dentre outros costumes que foram sendo adaptados das diversas culturas que viviam no território (DELUMEAU, 2009; SILVA, 2013).

Na América Portuguesa as manifestações de práticas mágicas em um cenário repleto de hibridismo religiosos e crenças, eram mais requisitadas para o uso de soluções sobrenaturais, principalmente relacionado as necessidades cotidianas e aos problemas enfrentados pelos colonos, como conflitos sociais, miséria, doenças, ódios e amores. Com isso, por mais que tenham sido herdados de Portugal um aspecto mais cético em relação às bruxas, também houve a crença da moradia do Diabo ser o Brasil, sendo que houve processos, denúncias e confissões de homens e mulheres usando de procedimentos obscuros para conseguir sobreviver as dificuldades que os assolavam (SILVA, 2013).

Sendo assim, se torna evidente que o Santo Ofício tinha seus olhos e garras em qualquer prática que fugisse do que era imposto pela Igreja, como é o caso da famosa Branca Dias, que após sua morte foi perseguida pelo tribunal por ter sido acusado de “práticas judaicas” (ASSIS, 2009; FEITLER, 2004). A historiadora Laura de Mello e Souza (1993) traz que o Novo Mundo funcionava com um novo campo de estudos demonológicos, ou seja, enquanto na Europa julgou, caçou e matou mulheres a partir de superstições e falsas acusações de bruxaria, nas terras americanas se tornou necessário eliminar qualquer vestígio das religiões e práticas pagãs (apud SILVA, 2013).

Com o surgimento dos negros escravizados no continente, as práticas se transformaram mais ainda, sendo que as práticas mágicas era um dos meios de resistência ao sistema escravista, elas eram necessárias e essenciais nesse mundo dominado pelo homem branco. Dessa forma, os grupos africanos que vieram para o Brasil se adaptaram a esse novo local e isso também foi uma forma de resistir ao sistema escravista e dar continuidade as crenças e estilo de vida africanos nas Américas. Assim, também é importante considerar a adaptação dos indígenas durante o processo de colonização, pois eles estiveram tão “interessados em manter seus antigos ritos como em conhecer os ritos católicos, seja para combatê-los, domesticá-los ou apropriá-los segundos seus interesses”. Assim, pode-se considerar que integrar-se a colonização também era

uma forma de resistir, de não negar a própria cultura e permitir ser tirada a força pelos colonizadores (SILVA, 2013, p. 108).

Da mesma forma que aconteceu na Europa, a Inquisição ficava sabendo de supostos atos de magia e obtinha as denúncias, principalmente, a partir dos vizinhos e pessoas próximas à acusada, pois havia o medo e mais que isso, a culpa, que levava as pessoas a identificar as infrações, até então inconscientes, em comportamentos rotineiros. Quanto mais pessoas denunciavam e apontava, mais se despertava o interesse por fazer mesmo, seja para agradar ou para se livrar de uma possível acusação. Assim, os órgãos inquisitoriais atuaram “como organismo terrivelmente desestruturador do tecido social, responsável por pânico coletivo e tragédias pessoais” (DELUMEAU, 2009; FEDERECI, 2019; NOGUEIRA, 2004; SILVA, 2013, p. 117).

Diante dos possíveis casos de bruxaria que surgiram como denúncia para os magistrados, Silva (2013) chama atenção para o fato dos juizes do Santo Ofício procurarem por marcas do demônio durante os interrogatórios/torturas e, utilizarem de técnicas e perguntas maliciosas para que o réu assumisse o pacto diabólico, “pois, a partir daí, ficava assegurada a existência da heresia que confirmava as suspeitas dos inquisidores”. Sendo que, muitas vezes, o acusado, exausto e psicologicamente abalado, acabava por confessar por crimes e admitir sua aliança com Satã, mesmo sendo inocente. “Os acusados ficavam cada vez mais confusos das razões que os prendiam ali, e acabam, através de respostas, às vezes, ingênuas, contribuindo para confirmar as suspeitas do Tribunal” (SILVA, 2013, p. 117).

Por mais que a bruxaria tenha se tornado um fenômeno majoritariamente feminino, no Brasil houve diversas acusações contra homens, principalmente índios e mestiços que praticaram as artes de cura e adivinhações. Assim, houve diversas denúncias e confissões ligadas a “adivinhações, sejam através de objetos, sonhos ou orações; cura, seja através de poções, ervas, sopros, toques, sucções, rituais, objetos, palavras ou rezes; benzeduras, transportes de pessoas por meio sobrenatural; envenenamentos; cartas de tocar” (SILVA, 2013, p. 125); dentre outros. E vale ressaltar, que além de julgar e condenar as práticas mágicas e acusações de bruxaria, a Inquisição também era um termômetro das relações sociais, já que manifesta os conflitos entre os moradores da colônia.

Em seus estudos e levantamentos de fontes, Silva (2013) traz diversos exemplos de pessoas, de ambos os gêneros, que foram acusadas e julgadas pelo Santo Ofício, entre elas estão duas mulheres, que foram acusadas de bruxaria no Piauí, e o início do processo revela que as acusadas participavam de *sabás*, se transformavam em animais e outras práticas mágicas

normalmente vistas apenas em julgamentos na Europa. O julgamento não foi levado a cabo e as duas mulheres não foram formalmente indiciadas e nem condenadas, porém, é importante ressaltar que não houve muitas condenações de bruxaria na colônia, pois era um tribunal católico que estava disposto a perdoar se o acusado estivesse disposto a confessar (SILVA, 2013).

O processo de caça às bruxas no Brasil se deu de forma completamente diferente do que na Europa, mas se torna importante pontuar o tanto que dois eventos distintos podem carregar simbolismos semelhantes, a perceber que a figura da bruxa foi carregada e trazida para outro continente e teve sua carne dilacerada e sua alma arrancada da mesma forma. Se torna importante ressaltar que no território brasileiro, ficou evidente que o que muitas vezes é visto como feitiço e bruxaria, na verdade são religiões não-cristã, pagãs e não aceitas. Logo, “tudo que não é católico/cristão é feitiço” (BARRETO, 2021; NOGUEIRA, 2004; SILVA, 2013).

3.2O Arquétipo da Bruxa - “Ela desatinou, desatou nós, vai viver só”

Para adentrar nas teorias de arquétipos e símbolos é importante que antes se compreenda como Carl Gustav Jung (1875-1961) propôs a construção e configuração do inconsciente, pois, diferentemente de Sigmund Freud (1856-1939) e demais psicólogos e pensadores, Jung não acreditava que o inconsciente fosse inteiramente pessoal, dividindo-o em pessoal e coletivo. Para o psicólogo suíço, a camada mais ou menos superficial do inconsciente é definitivamente individual, sendo chamado de *inconsciente pessoal*, e este repousa sobre uma camada mais profunda, que não tem origem nas experiências singulares do sujeito, pois é inata, faz parte do indivíduo desde sempre. Esta camada mais profunda é o *inconsciente coletivo* (JUNG, 2012).

A principal diferença entre o inconsciente coletivo e o pessoal é que este, de acordo com Jung (2012), é a única psique passível de experiência, ao contrário do inconsciente coletivo que não é ligado as experiências pessoais do sujeito, isto é, não faz parte de um emaranhado de memórias e lembranças, constituídos de conteúdos que já foram conscientes e depois se tornaram esquecidos ou reprimidos. Além do que, para Jung, nada nunca se perde na psique, qualquer conteúdo encoberto pode voltar a ser exposto (ÉSTES, 2018). Outra característica importante é o fato do inconsciente coletivo não se desenvolver individualmente, mas sim ser herdado, expressando-se a partir de formas “preexistentes, arquétipos, que só secundariamente

podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência” (JUNG, 2012).

Os arquétipos são imagens universais, primordiais, arcaicas que sempre existiram em todo tempo e lugar, pertencem ao imaginário coletivo das populações e são repassadas de geração em geração, reforçando os fios do tecido da realidade. Jung afirma que os arquétipos são determinados quanto a sua forma e não quanto ao conteúdo, sendo que para a imagem primordial ser determinada quanto ao seu conteúdo, se torna necessário que esta seja preenchida com o material de experiências conscientes, isto é, o arquétipo deve surgir na consciência por meio da projeção psíquica (JUNG, 2012).

Ainda sobre o conceito de arquétipo, Jung (2012) explica que as “imagens primordiais” ou “resíduos arcaicos” são um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma possibilidade, predisposição ou tendência em ser algo, possuir uma forma que transmita a sua representação, sendo assim, "o que é herdado não são ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma”. Em relação as aproximações de instinto e arquétipos, Jung (2016) explica:

Chamamos de instinto os impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que chamo de arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo [...] (JUNG, 2016, p. 83).

O arquétipo reúne conteúdos comuns que podem ser projetados em distintas imagens e símbolos, e a bruxa, personagem histórica que ultrapassa as eras, é vista enquanto uma persona malévola construída a partir do imaginário coletivo de diversas populações, que trazem à tona a imagem construída e mistificada da bruxa, feiticeira, mulher megera, Medéia, Baba Yaga, que pode ser relacionada com o arquétipo da Grande Mãe (SILVEIRA, 2015). Jung (2012) traz que este arquétipo pode ter um sentido positivo/negativo ou favorável/nefasto, sendo que seus atributos são:

[...] o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (JUNG, 2012, p. 88).

A partir dos atributos da Grande Mãe, pode-se perceber que a figura feminina possuía um enorme repertório de transformações, como a ampliação do ser e a sua modificação, como deter o poder de vida-morte-vida (ESTÉS, 2018). Porém, com a queda do matriarcado e a

ascensão do patriarcado, a sabedoria e o poder feminino foram julgados e perseguidos, se tornam algo hediondo, impuro, maligno, bruxaria. É interessante notar, que a mulher enquanto parte operante da terra, do feudo, de qualquer lugar que ocupasse antes crescimento das religiões não pagãs, era vista e temida, pois era considerada sagrada por possuir o poder da vida (DELUMEAU, 2009; NOGUEIRA, 2004).

Entretanto, Delumeau (2009) chama atenção justamente para esse poder, para essa ambiguidade da mulher que dá a vida e anuncia a morte, pois a “terra mãe é o ventre que nutre, mas também o reino dos mortos sob o solo ou água profunda. É o cálice de vida e de morte. É como essas urnas cretenses que continham a água, o vinho e o cereal e também as cinzas do defunto” (DELUMEAU, 2009, p. 465). Estés (2018) ao relatar o conto de Vassalisa, traz a imagem poderosa de Baba Yaga, bruxa que vive nas florestas em uma casa voadora com pernas de galinha e, que possui o poder da vida-morte-vida, o poder do dia e da noite. “Baba Yaga é assustadora por ser ela própria o poder da aniquilação e o poder da força da vida ao mesmo tempo. Contemplar seu rosto é ver *vagina dentada*, olhos de sangue, o recém-nascido perfeito e as asas dos anjos, todos juntos” (ESTÉS, 2018, p. 111).

Essa figura de mulher atrelada ao mal, ao desconhecido, ao estranho é uma imagem não idealiza, não é vista como passiva, submissa, recatada, mas sim como uma personagem que dá vida e a controla, seduz, exala poder, é capaz de destruir, mas também cuida e é justa (ESTÉS, 2018; SILVEIRA, 2015). É a imagem da mulher ambígua, como descrito por Jung (2012) e é justamente nesse intermeio que surge o arquétipo da bruxa, pois ela age de acordo com seus próprios interesses e lida com o bem e com o mal a partir de propósitos específicos, como Baba Yaga, bruxa justa, que auxilia Vassalisa em sua missão de reaver o fogo, o conhecimento, e aprender mais sobre a intuição feminina (ESTES, 2018; SILVEIRA, 2015).

Jung (2012) escreveu sobre como os arquétipos do inconsciente coletivo emergem, muitas vezes, de forma imperceptível, mas quando isso ocorre, essas manifestações se unem a tantas outras já existentes ao longo do tempo e espaço do mundo, que, quando consteladas, são percebidas através das emoções. Tais representações imagéticas são vistas a partir de percepções distintas para cada cultura, povo ou sociedade. Para alguns, os “resíduos arcaicos” podem ser mitos, crenças, tradições, figuras divinas/santas, rituais ou histórias contadas desde sempre (SOUZA, 2021).

A partir das ideias de Jung (2012) pode-se entender melhor como o arquétipo da Grande Mãe ou da Mãe Terrível pode também ser a figura simbólica da bruxa, e como ela também é a Velha Sábia, as Moiras da mitologia grega, senhoras do ciclo da vida; ou até mesmo Hécate,

considerada a Deusa Tríplice (Donzela, Mãe e Anciã) e, claro, Baba Yaga, a bruxa do conto de Vassalisa. “Elas são as nossas avós e bisavós. São as nossas mães e irmãs, quando estão em representação de sabedoria e vida” (SOUZA, 2021).

O arquétipo da anciã, que é o que mais condensa a figura da bruxa, que foi cassada e queimada, e que representa a Baba Yaga, vem ensinar que todas as mulheres são dotadas de uma sabedoria profunda e antiga, independente da idade. Compreender a importância do curso do rio, das águas, das fases da lua, alimentar o poder da intuição feminina e aprender a respeitar o próprio tempo. É aceitar e se conectar com a bruxa que habita em cada mulher (ÉSTES, 2018; SOUZA, 2021).

3.3A Mulher-Bruxa hoje - “Eu não me vejo na palavra fêmea, alvo de caça, conformada vítima”

A caça às bruxas, como já abordado, se deu no começo da Idade Moderna (século XVI-XVII), porém o discurso inflamado, misógino e sexista venha sendo propagado desde a Idade Média, difamando e expondo as mulheres que passam a fazer parte do imaginário popular e a serem vistas como bruxas, maléficas e diabólicas. Esta crença na existência de bruxas e demais seres sobrenaturais foi a justificativa de perseguições, torturas e assassinatos, os quais, majoritariamente, tiveram as mulheres como vítimas (DELUMEAU, 2009; FEERICI, 2019; PERROT, 2013).

Com o passar dos séculos, a figura da bruxa foi sendo carregada junto, sempre invocada de acordo com as crenças e culturas de alguma sociedade. Zordan (2015, p. 332) aponta sobre o fato de a bruxa ser histórica e modificar-se “dentro das eras, ficando em sua imagem as marcas que a sociedade lhe impôs”, e assim, a mulher-bruxa é aquela que encarna tudo o que é rebelde, indomável e instintivo, e as suas marcas permanecem vermelho vivo e vem sendo carregadas através das gerações, contadas por mulheres em cirandas, sendo dito entre uma prosa e outra e, claro, sendo repassado, remexido e lembrando até que se torna algo concreto no presente (ÉSTES, 2018).

Essas mulheres, as bruxas, hoje, vivem outras inquisições e enfrentam outros algozes, a ponto de se tornar um problema de política públicas e de mais atenção e cuidado das autoridades. Federici (2019) ao explorar sobre a caça às bruxas enquanto fenômeno globalizado, traz à tona sobre diversos grupos paramilitares, no continente africano, que caçam, assassinam e confiscam a propriedade da acusada. Estes atos são característicos da globalização econômica, sendo que as acusações são efeito do processo de alienação social produzido pela integração na

economia global e da propensão dos homens a descarregarem nas mulheres toda e qualquer frustração, chegando ao ponto tirar-lhes a vida.

Ainda é importante considerar que o contexto africano está intrinsicamente ligado ao avanço do capitalismo, sendo que diversos homens se veem em uma posição de indignação quando uma mulher idosa ou viúva segue com sua terra, sem nenhuma figura masculina que lhe acolha e domine. Tal postura, para esses homens, representa a brecha para, mais uma vez, utilizar da imagem da bruxa como bode expiatório. A violência em relação a essas mulheres acusadas é tão grande que, atualmente, existem campos de bruxas espalhados pelo continente, a fim de conceder alguma proteção a elas (FEDERICI, 2019).

Ao estudar sobre contágio psíquico, que é uma forma de pânico coletivo ou loucura das massas, Torres (2021) discorre sobre um caso, do ano de 2014, de uma jovem na cidade de Guarujá-SP, que foi linchada pelos moradores por ser acusada de bruxaria. Eventualmente, a jovem, Fabiane Maria de Jesus, faleceu devido aos graves ferimentos. Essa violência hedionda e gratuita ocorreu por causa de uma *fake News* espalhada pelas mídias sociais, a qual alertava o município de uma suposta “bruxa do Guarujá”, que “praticava magia negra sacrificando crianças” (TORRES, 2021, p. 150).

O caso de Fabiane não é isolado, tendo ocorrido em solo brasileiro diversos casos de linchamento, e não apenas com acusações de bruxaria e práticas de magia negra, como aponta Torres (2021 apud GOMES, 2014). Entretanto, é importante perceber que o genocídio de mulheres acusadas de serem bruxas ainda reverbera nos tempos atuais, que o símbolo ligado a figura da mulher-bruxa ainda é uma constante negativa e diabólica, a ponto de causar uma mimese de violência, isto é, uma onda violenta que atravessa toda uma comunidade ou grupo de indivíduos, a ponto de assassinar uma mulher inocente (TORRES, 2021).

Pensando ainda sobre essa figura mística e que perturba o coletivo, é inegável que o conceito de caça às bruxas é um símbolo constante, isto é, por mais que ela, a fêmea corrompida, seja a acusada, o fato que se mantém é que se caça perante justificativas específicas, como falsos sacrifícios de crianças ou supostos rituais de magia negra. Logo, a caça às bruxas, tanto de agora como de ontem, é um símbolo que está constantemente sendo alimentado e sendo utilizado para justificar determinados discursos e ações, é um símbolo que coloca a mulher como bode expiatório (TORRES, 2021; JACOBI, 2016).

Fulano de tal, ao estudar sobre símbolos e arquétipos a partir da Psicologia Analítica discorre sobre como “o símbolo designa algo com um sentido objetivo, visível, por trás do qual ainda se oculta um sentido invisível e mais profundo” (JACOBI, data, p. 96). A partir dessa

conceituação, é possível perceber que a caça às bruxas tem um sentido objetivo e visível, que é o perseguir, torturar e queimar aquelas e aqueles que vão contra as normas vigentes, dentre outras justificativas inquisitoriais. Porém, analisando o sentido invisível e mais profundo, pode-se perceber que a caça às bruxas, vai além, podendo ser uma caça coletiva, física, individual, espiritual (JACOBI, 2016).

Se todas possuem suas mazelas e inquisidores pessoais, físicos e psicológicos, se torna papel essencial da psicologia olhar para essas mulheres com cuidado e zelo, pois, no Brasil se hoje, são elas que mais sofrem com as diversas violências instaladas no território, tanto físicas quanto psicológicas. São elas, as mães, irmãs, avós que se tornam vítimas e, sem uma política pública adequada, podem se transformam em mais um número da estatística de feminicídio. Além do mais, são elas, que também, sofrem mais com a depressão, transtornos mentais, além de carregarem com sigilo, a maior parte da culpa, por diversas situações que não são delas. Como sempre a mulher é o bode expiatório (SANTOS; IRINEU 2019; FILHO, et al., 2021).

Existe na psicoterapia diversas ferramentas para ajudar e acolher todas as mulheres, entretanto, uma forma que parece ser interessante e gerador de belos frutos e flores seria a roda de conversa, na qual essas mulheres poderiam compartilhar suas mazelas, independente de qual seja a dor e sem julgamentos. O intuito da psicologia para qualquer mulher seria o de sempre acolher e ouvir, fazendo pontuações pertinentes, mas acima de tudo permitindo que ela conte seu conto, e deixa sua dor fluir junto com as dores de tantas outras. Acredita-se que a fala revela a alma, e que a roda da ciranda tem poder curativo, porque são nos sabás onde essas bruxas se encontram, se conectam e utilizam de sua intuição (ÉSTES, 2019; FILHO, et al., 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, percebe-se que a caça às bruxas foi um acontecimento histórico hediondo, que trouxe fim a muitas vidas, principalmente de mulheres, por motivos que condiziam com o período vigente, mas que não justificavam as ações e discursos misóginos e violentos. E em paralelo, quando se olha para o presente, se torna visível que a caça às bruxas seguiu emprenhada no tecido do tempo, pois mesmo hoje se pode ver situações de agressão e violências onde mulheres são acusadas de rituais de magia negra e bruxaria.

A partir deste contexto é importante tomar consciência de que para além de um cenário de violência, a caça às bruxas se tornou um símbolo de repressão e tortura, que insiste em se instalar, física e psicologicamente, no corpo de milhares de mulheres que estão constantemente

lutando contra os seus inquisidores, algozes que espreitam e julgam. Entretanto, as mulheres precisam perceber e buscar as suas forças internas, as suas magias, àquilo que as transformam em bruxas, que mesmo queimadas conseguem renascer das cinzas.

Diante dessa visão que propõe o empoderamento do feminino e a não aceitação de papel de vítima, percebe-se que a psicologia, enquanto área de acolhimento e escuta profissional, tem um papel imprescindível para a autoaceitação, autoconhecimento e autoestima das mulheres, independente do sofrimento, dor ou problemas que elas carregam. Acredita-se que o acolhimento grupal, onde elas possam expor suas histórias dentro da ciranda seja de imenso proveito para iniciar o processo de cicatrização da alma, arrumação da mente e escuta de suas próprias intuições.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. *In*: DEL PRIORI, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ASSIS, Luciara Lourdes Silva de. Branca Dias: crime e pecado em *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. **Anais do SILEL**, vol. 1, Uberlândia-MG: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2009_gt_lt04_artigo_1.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022.

BARRETO, I. Feitiçaria no Brasil #1 – O que você precisa saber. **O Voo da Bruxa** (Medium), 3 jun., 2021. Disponível em: <https://medium.com/o-voo-da-bruxa/o-que-precisa-saber-sobre-a-feiti%C3%A7aria-brasileira-30277d1440e4>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BARRETO, I. Feitiçaria no Brasil #2 – Feitiçarias, religiões africanas e perseguições. **O Voo da Bruxa** (Medium), 2 aug. 2021. Disponível em: <https://medium.com/o-voo-dabruxa/feiti%C3%A7aria-no-brasil-2-feiti%C3%A7aria-religi%C3%B5es-africanas-e-persegu%C3%A7%C3%A3o-4c606f641ce9>. Acesso em: 15 set. 2021.

CARDINI, F. **Magia e Bruxaria na Idade Média e no Renascimento**. Psicologia USP, v.7, n. 1/2, p. 9-16, 1996.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTO, C. S. R. **Caça aos corpos rebeldes: Federeci e Foucault entre bruxas**. Diaphora, Porto Alegre, v. 8 (2), jul-dez, 2019.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ÉSTES, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FEITLER, Bruno. Duas fases de um mito. **Nossa História**, São Paulo, n. 10, p. 48-51, ago. 2004.

FILHO, E. N. N. do; BRITO, A. V. de; BARBOSA, D. F. R.; GONÇALVES, E.; MELO, R. L. S. de; SILVA, I. S. da; NUNES, R. da S.; BARROS, C. C. da S.; VASCONCELOS, L. M.; VALENÇA, D. K. de L. X. Saúde mental da mulher: a utilização do grupo como ferramenta terapêutica para promover bem-estar, autoestima e qualidade de vida. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5358>. Acesso em: 01 jun. 2022.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. Tradução de Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 9.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

JUNG, Carl G. [et al]. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3.ed.especial. – Rio de Janeiro: Harper Collins, Brasil, 2016.

LAUREANO, G. M. M. O “*Malleus maleficarium*” e o surto de caça às bruxas. **Revista Mosaico**. 2015 jul./dez.; 06 (2). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313825063_O_Malleus_maleficarium_e_o_surto_de_caca_as_bruzas. Acesso em 01 jun. 2022.

MARTINS, A. M. de O. O corpo feminino na Idade Média: um lugar de tentações. In: BRAZ, J.; NEVES, M. (Orgs). **O Corpo-Memória e Identidade**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2013.

MENEZES, R. P. de. **O Feminino reprimido: um estudo junguiano sobre a feminilidade**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Faculdade de Ciências da Saúde – FACS, Curso de Psicologia. Brasília, nov. 2003.

NOGUEIRA, C. R. F. **Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente Cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTELA, L. N. S. *Malleus Maleficarium*: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, v. 14, n. 2, p. 252-281, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/36472>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** 20 (2), jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

RUSSEL, J. B.; BROOKS, A. **História da Bruxaria** [recurso eletrônico]. Traduzido por Álvaro Cabral, William Lagos. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SANTOS, C. V. M. dos; IRINEU, B. A. Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, v. 11, n. 1, Belém, abr. 2019.

SILVA, Carolina Rocha. **O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, p. 222. Niterói – RJ, 2013.

SILVEIRA, Danieli Munique Fontes da. **O arquétipo da Grande Mãe na representação da bruxa em contos fantásticos hispânicos contemporâneos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto – SP, p. 140. 2015.

SOUZA, Gabrielle Santana de. **Em busca do feminino: Baba Yaga e o arquétipo da Velha Sábia em cena**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Licenciatura em Teatro. Salvador – BA, p. 70. 2021.

TORRES, L. **Contágio Psíquico: a loucura das massas e suas reverberações na mídia**. São Paulo: Empresa Editora e Livraria Virtual Eleva Cultura, 2021.

ZORDAN, P. B. M. B. G. Bruxas: figuras de poder. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13 (2), maio-agosto, 2005.